

Ressurreição de Roma

[Outubro de 1949]¹

Quando olho para esta Roma tal como é², sinto o meu Ideal distante, como distantes são os tempos em que os grandes santos e os grandes mártires iluminavam à sua volta, com a eterna Luz, até as paredes desses monumentos que ainda se erguem para testemunhar o amor que unia os primeiros cristãos.

Em gritante contraste, o mundo com sua sordidez e vaidades agora domina a cidade nas ruas e ainda mais nos recessos das casas onde existe a ira com todo pecado e agitação.

E eu consideraria utopia o meu Ideal se não lembrasse Dele, que também viu um mundo igual a este que O cercava e, no auge de sua vida, pareceu ser arrastado por tudo aquilo, vencido pelo mal.

Também Ele olhava para toda essa multidão a quem amava como a Si mesmo, Ele, que a criara para Si e desejaria lançar os elos que deviam uni-la novamente a Ele, como filhos ao Pai, e unir irmão a irmão.

Ele descera para recompor a família, para fazer de todos “um”.

Enquanto que, apesar de suas palavras de Fogo e de Verdade que queimavam o matagal das vaidades que sufocam o Eterno que existe no homem e passa entre os homens, as pessoas, muitas pessoas, embora compreendendo, não queriam entender, e permaneciam com os olhos apagados, pois a alma estava obscurecida.

Tudo isso porque Ele os criara livres.

Ele podia, tendo descido do Céu à terra, ressuscitá-los todos com um olhar. Mas devia deixar para eles – feitos à imagem de Deus –, o gáudio da livre conquista do Céu. Estava em jogo a Eternidade e, por toda a Eternidade, eles haveriam de poder viver como filhos de Deus, como Deus, criadores (por participação de Onipotência) da própria felicidade.

Ele olhava o mundo tal como o vejo eu, mas não duvidava.

¹ A redação deste escrito (§ 705-736) presume-se feita antes de 10 de outubro de 1949, data da sua publicação em “La via” 36, p. 5, com o título “Ressurreição de Roma” (n.d.r.).

² De todo esse escrito se compreende que, tendo retornado por amor de Jesus Abandonado para o meio da humanidade, vivíamos aquilo que tínhamos entendido no Paraíso.

Insatisfeito e triste por tudo aquilo que se precipitava para a ruína, ao rezar à noite, voltava o olhar para o Céu lá no alto e o Céu dentro de Si, onde a Trindade vivia e era o Ser verdadeiro, o Tudo concreto, enquanto lá fora pelas ruas caminhava a nulidade que passa.

E também eu faço como Ele, para não me separar do Eterno, do Incriado, que é raiz para a criação e, portanto, a Vida do tudo, para acreditar na vitória final da Luz sobre as trevas.

Passo por Roma e não quero olhá-la. Olho o mundo que está dentro de mim e me apego àquilo que tem ser e valor. Faço de mim uma só coisa com a Trindade que repousa em minh'alma, iluminando-a com eterna Luz e cumulando-a de todo o Céu povoado de santos e de anjos que, não sujeitos a espaço e a tempo, podem todos estar recolhidos com os Três em unidade de amor no meu pequeno ser.

E tomo contato com o Fogo que, invadindo toda a minha humanidade, a mim doada por Deus, faz de mim outro Cristo, outro homem-Deus por participação, de modo que o meu humano se confunde com o divino³ e os meus olhos não mais ficam apagados, mas, através da pupila que é vazio sobre a alma, por onde passa toda a Luz que vem de dentro (quando deixo Deus viver em mim), olho o mundo e as coisas; contudo, já não sou mais eu que olho, é Cristo em mim que olha, e vê de modo novo, cegos que devemos iluminar, mudos que devemos fazer que falem e aleijados que devemos fazer andar. Cegos para a visão de Deus dentro e fora deles. Mudos para a Palavra de Deus que ainda assim fala neles e poderia por eles ser transmitida aos irmãos e despertá-los para a Verdade. Aleijados imobilizados, ignaros da divina vontade que, do fundo do coração, os instiga para o moto eterno que é o eterno Amor, onde, transmitindo Fogo, somos incendiados.

De modo que, abrindo novamente os olhos ao exterior, vejo a humanidade com os olhos de Deus que tudo crê porque é Amor.

Vejo e descubro a minha mesma Luz nos outros, a Realidade verdadeira de mim, o meu verdadeiro eu nos outros (talvez soterrado ou secretamente camuflado por vergonha) e, tendo reencontrado a mim mesmo, uno-me a mim⁴, ressuscitando-me – Amor que é Vida⁵ – no irmão.

Ressuscitando ali Jesus, outro Cristo, outro homem-Deus, manifestação da bondade do Pai aqui na terra, Olho de Deus sobre a humanidade. Assim estendo no irmão o Cristo em mim e componho uma célula viva e completa do Corpo Místico de Cristo⁶, célula viva, lareira de Deus⁷, que possui o Fogo a ser transmitido e, com ele, a Luz.

É Deus que de dois faz um, pondo-Se como terceiro, como relação entre eles: Jesus entre nós.

Assim o Amor circula e leva naturalmente (pela lei de comunhão que lhe é inerente), qual rio de fogo, toda e qualquer coisa que os dois possuem, para tornar comuns os bens do espírito e os bens materiais.

E isso é testemunho concreto e exterior de um amor unitivo, o verdadeiro amor, o da Trindade.

3 Isto é: o humano se funde com o divino, torna-se um com o divino.

4 Na medida em que o Jesus que está em mim se une ao mesmo Jesus que está no outro.

5 Com efeito, quando se ama se dá a vida ao irmão.

6 Isso acontece porque, de acordo com a sua promessa, naquela célula está exatamente Ele: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles." (Mt 18,20)

7 Ou seja, inteiramente fogo, que é a fusão em um – em um único Jesus – de tudo o que somos e temos.

Então, verdadeiramente Cristo inteiro revive em ambos, e em cada um, e entre nós.

Ele, homem-Deus, com as mais variadas manifestações humanas impregnadas de divino, postas a serviço da finalidade eterna: Deus com o interesse do Reino e – senhor de tudo – dispensador de todo bem a todos os filhos, como Pai sem preferências.

* * *

E penso que, deixando Deus viver em mim e deixando que Ele Se ame nos irmãos, Ele descobriria a Si mesmo em muitos, e muitos olhos se iluminariam com a sua Luz: sinal tangível de que ali Ele reina.

E o Fogo, destruidor do tudo a serviço do eterno Amor, alastrar-se-ia num piscar de olhos por Roma, ressuscitando os cristãos e fazendo desta época, fria porque ateia, a época do Fogo, a época de Deus.

Mas é preciso ter a coragem de não dar atenção a outros meios⁸, a fim de suscitar algum cristianismo que faça eco às glórias passadas, ou, ao menos, de colocar esses outros meios em segundo plano.

É preciso fazer Deus renascer em nós, mantê-Lo vivo e extravasá-Lo sobre os outros como jorros de Vida, e ressuscitar os mortos.

E mantê-Lo vivo entre nós, amando-nos (e para amar-se não se precisa de alarido: o amor é morte a nós – e a morte é silêncio – e vida em Deus – e Deus é o silêncio que fala).

Então, tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e diversão. Tudo.

Deus não está em nós como o Crucifixo que, às vezes, mais parece um amuleto numa parede de uma sala de aula. Ele está em nós vivo – se O deixarmos viver – como legislador de toda lei humana e divina, pois toda ela é obra sua. E Ele, a partir do íntimo, dita todas as coisas; nos ensina – Mestre eterno – o eterno e o contingente e a tudo confere valor.

Mas não compreende isso a não ser quem O deixa viver em si vivendo nos outros, porque a vida é amor e, se não circula, não vive.

Jesus deve ser ressuscitado na cidade eterna e inserido em toda parte. É a Vida, e a Vida completa. Não é só um fato religioso...⁹. Esse separá-Lo da vida integral do homem é uma heresia prática dos tempos de hoje e uma sujeição do homem a algo que é inferior a ele e

8 É preciso não dar atenção a outros meios enquanto considerados por si mesmos, como valor disjuncto da vida de Jesus em nós: é Ele que sugere quais os meios a serem usados e desse modo eles vêm a fazer parte do plano divino da encarnação.

9 Pensam que o Evangelho não resolve todos os problemas humanos e que traz somente o Reino de Deus entendido unicamente em sentido religioso. Não é bem assim. Certamente não é o Jesus histórico ou Ele enquanto Cabeça do Corpo místico quem resolve todos os problemas. Quem o faz é Jesus-nós, Jesus-eu, Jesus-você etc. É Jesus no homem, naquele determinado homem – quando a sua graça está nele –, quem constrói uma ponte, abre uma estrada etc. Jesus é a personalidade verdadeira, mais profunda de cada um. De fato, cada homem, cada cristão é mais filho de Deus (= outro Jesus) do que filho de seu pai. Portanto, Jesus em cada um tem a máxima influência em tudo aquilo que faz. É como outro Cristo, como membro de seu Corpo místico, que cada homem traz uma contribuição tipicamente sua em todos os campos: na ciência, na arte, na política etc. Deste modo o homem é concriador e corredentor de Cristo. É a encarnação que continua, encarnação completa que diz respeito a todos os Jesus do Corpo místico de Cristo.

relegar Deus, que é Pai, para longe dos filhos¹⁰.

Não, Ele é o Homem, o homem perfeito, que reúne em Si todos os homens e toda verdade e impulso que os homens podem sentir para se elevarem ao próprio lugar.

E quem encontrou esse Homem encontrou a solução de todo problema humano e divino. Ele o manifesta. Basta que O amemos.

Chiara Lubich

(*Resurrezione di Roma*, a cura di Hubertus Blaumeiser e Anna Maria Rossi, Città Nuova, Roma 2017, pag. 18 e ssg.)

10 O homem, em todas as suas dimensões e capacidades humanas, não deve ser mortificado, mas elevado. Se, por um lado, a teologia tem a ver com o Corpo místico de Cristo, por outro lado tem a ver também com o corpo social e com tudo aquilo que isso comporta. Portanto, as diversas ciências devem ser novamente associadas à teologia, que deve voltar a ser delas cabeça, rainha, na medida em que exprime, em termos humanos, a sabedoria, a verdade de Deus. E esse deve ser o objetivo da Escola Abba que, ao lado de uma nova teologia (fundada na vida trinitária vivida no Corpo místico de Cristo), deve dar origem também a uma ciência nova, a uma sociologia nova, a uma arte nova, a uma política nova etc.: novas, porque de Cristo, renovadas pelo seu Espírito. Essa Escola abrirá um novo humanismo, onde realmente o homem está ao centro, esse homem que é, antes de tudo, Cristo, e Cristo nos homens. Existiram tentativas desse tipo (ou seja, de fazer da teologia a rainha das ciências), mas depois as outras ciências, tendo sido mortificadas, separaram-se, reivindicando a sua autonomia. Ora, tendo como ponto de partida Jesus Abandonado, que divinizou tudo, é possível conseguir fazê-lo.